



# O QUE CAUSA A ALTERNÂNCIA DE VERBOS AGENTIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

---

WHAT CAUSES THE ALTERNATION  
OF AGENTIVE VERBS IN BRAZILIAN PORTUGUESE?

Janayna Carvalho<sup>1</sup>  
*Universidade de São Paulo*<sup>2</sup>

**Resumo:** Tem sido notado na literatura sobre estrutura argumental em PB que verbos agentivos, os quais não são normalmente licenciados na alternância causativa (cf. LEVIN e RAPPAPORT-HOVAV, 1995), entram em alternâncias em português brasileiro. Essa alternância será aqui nomeada de *alternância agentiva* (AA). Neste artigo, eu defendo que a alternância agentiva é um subproduto da perda do clítico *se*, que ocupa a posição de argumento externo. Mostro que a AA é diferente da alternância causativa e que os verbos que participam da AA partilham características com médias genéricas não-marcadas. Com a perda de morfologia de voz (*se*), as médias não-marcadas em PB possuem uma estrutura inacusativa. Como resultado, não há diferenças de transitividade entre sentenças anticausativas e médias em PB.

Palavras-Chave: Alternância causativa; Médias; Estrutura argumental; Clítico *se*

---

<sup>1</sup> janaynacarvalho@gmail.com

<sup>2</sup> Agradeço ao Grupo de Morfologia Distribuída da Universidade de São Paulo (GREMD) Artemis Alexiadou, Florian Schäfer, Giorgos Spathas, Esmeralda Negrão e Sônia Cyrino pelas discussões sobre este tema. Os erros que permanecem nesta versão são de minha inteira responsabilidade. Agradeço também ao CNPq pelo auxílio financeiro.

---

**Abstract:** *It has been noted that agentive verbs, i.e. verbs that would not be expected to undergo the causative alternation, according to Levin & Rappaport Hovav (1995), participate in a causative-like alternation in Brazilian Portuguese (BP). I call this alternation 'the agentive alternation' (AA). In this paper, I argue that the AA is a byproduct of the loss of the clitic se that occupies the position of an external argument in VoiceP. I show that the AA alternation is different from the causative alternation and the verbs that participate in the AA share characteristics with BP unmarked generic middles. Importantly, in spite of the loss of voice morphology, BP unmarked middles project unaccusative syntax. As a result, there is no difference between middles and anticausatives in BP in respect to their transitivity status.*

Key-Words: *Causative alternation; Generic middles; Argument structure; Clitic se*

## INTRODUÇÃO

Na literatura sobre estrutura argumental em português brasileiro (doravante PB), tem sido assumido que verbos participantes da alternância causativa estão em expansão nesta língua (WHITACKER-FRANCHI 1989; PACHECO 2008; NEGRÃO; VIOTTI 2008, entre outros). (1) e (2) exemplificam a alternância com o verbo *lavar* e (3) e (4) com o verbo *construir*.

- |   |                              |
|---|------------------------------|
| (1) O João/*O vento lavou a roupa.            | <i>Sentença transitiva</i>   |
| (2) A roupa lavou/ está lavando. <sup>3</sup> | <i>Sentença intransitiva</i> |
| (3) O João/ A chuva construiu um prédio.      | <i>Sentença transitiva</i>   |
| (4) Um prédio construiu/ está construindo.    | <i>Sentença intransitiva</i> |

Além de *lavar* e *construir*, vários verbos que não deveriam alternar, de acordo com Levin e Rappaport-Hovav (1995), participam nessa alternância bastante semelhante à alternância causativa. Contudo, diferentemente dos verbos licenciados na alternância causativa, *lavar* e *construir* não satisfazem um requerimento definidor da alternância causativa, a condição de argumento subespecificado, enunciada em (5).

- (5) **Condição do argumento subespecificado:** Somente verbos transitivos que não restringem o papel temático de seu argumento externo a agentes entram na alternância causativa.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Para alguns falantes, a sentença intransitiva só é gramatical se o verbo estiver na forma progressiva. Por isso, (2) e (4) apresentam duas formas possíveis.

---

De acordo com essa condição, um verbo como *quebrar* será licenciado na alternância causativa, já que esse verbo pode ter tanto um agente quanto uma causa como argumento externo: *João/O vento quebrou o vaso*. Verbos como *lavar* e *construir* não são candidatos a essa alternância, já que não licenciam causas como argumentos externos. A agramaticalidade dos DPs *O vento* em (1) e *A chuva* em (3) ilustram isso.

Por essa razão, os dois pares de alternância de (1) a (4) serão tratados como um exemplo da alternância agentiva (AA), já que somente verbos que podem ter um argumento externo agentivo são licenciados nessa alternância. No momento, vou me manter neutra em relação à estrutura das sentenças (2) e (4), chamando-as de membro intransitivo da AA. A estrutura de sentenças desse tipo será tratada com mais detalhes na seção 3 e, a partir de então, usarei um termo mais específico para me referir a elas.

A questão que norteia este trabalho é: o que possibilita a alternância exemplificada em sentenças de (1) a (4)? Dados históricos sugerem uma conexão entre as sentenças em (2) e (4) e a perda de morfologia de voz. Cyrino (2013) pesquisou ocorrência de sentenças do mesmo tipo de (2) e (4) e concluiu que a primeira aparição de tais sentenças coincide com a perda de *se* em anticausativas, passivas, impessoais e médias e a emergência da ordem SV em PB.<sup>5</sup>

Contudo, como notado em Cyrino (2013) e em outros trabalhos (cf. NEGRÃO; VIOTTI (2008)), sentenças como (2) e (4) são incompatíveis com o expoente de morfologia de voz em PB, o clítico *se*. (6) só pode ser gramatical em uma (estranha) leitura reflexiva, o que não é relevante para a discussão feita aqui.

(6) \*A roupa se lavou.

Dado esse cenário, a primeira questão que vem à mente é: podemos assumir que há uma relação entre a perda de morfologia de voz em PB e a AA? Para responder a essa questão, compararei a estrutura da eventualidades que

---

<sup>4</sup> Minha tradução para: “Underspecified argument condition: Only transitive verbs that do not restrict the  $\theta$ -role of their external argument to agents enter the (anti)causative alternation.” (ALEXIADOU et al., 2015, p. 53)

<sup>5</sup> A morfologia de voz em PB está sendo progressivamente perdida em todos os contextos em que era anteriormente obrigatória: anticausativas, passivas, impessoais e médias (cf. GALVES, 2001 entre outros).

---

perderam morfologia em PB com sentenças com as mesmas características de (2) e (4). Devo ressaltar que essa busca só trará resultados significativos se um paradigma em que os mínimos componentes dos eventos puderem ser investigados. Nesse sentido, uso ferramentas da Morfologia Distribuída, como o conceito de raiz, e testes que evidenciam a constituição sintática dos eventos.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1, mostro que não há um agente implícito de qualquer natureza em sentenças como (2) e (4), já que elas apresentam características que destoam de sentenças em que agentes estão implícitos, como sentenças impessoais e passivas. Nesse ponto, o membro intransitivo da AA se assemelha às sentenças anticausativas.

Na seção 2, eu comparo o membro intransitivo da AA com sentenças anticausativas. Mesmo que os dois tipos de sentenças sejam inacusativas, como se mostrará, a estrutura de eventos não é a mesma. Os membros intransitivos da AA têm uma estrutura inacusativa monoeventiva, enquanto os membros inacusativos da alternância causativa são bieventivos.

Finalmente, na seção 3, aponto algumas similaridades entre médias não-marcadas em PB, ou seja, médias sem o clítico *se*, e o membro intransitivo da AA. Será mostrado que a estrutura de eventos dessas duas eventualidades é a mesma: ambos são inacusativos monoeventivos.

Na Conclusão, ressalto que os resultados dessa comparação nos dão um entendimento da relação entre a perda de morfologia de voz e a alternância agentiva. Com a perda de morfologia de voz em PB, médias não-marcadas continuaram a apresentar uma sintaxe inacusativa, diferindo de médias não-marcadas em línguas como inglês ou holandês, por exemplo. Como um resultado, não há nenhuma diferença com relação à transitividade entre médias e anticausativas em PB e verbos que previamente só eram licenciados em médias foram generalizados como verbos alternantes.

## 1 HÁ UM AGENTE IMPLÍCITO DISPONÍVEL?

Como os verbos licenciados na AA são agentivos, pode-se pensar que o membro intransitivo da alternância é, na verdade, uma sentença passiva. Portanto, comparo a estrutura de sentenças como (2) e (4) com a estrutura de passivas analíticas.<sup>6</sup> Entretanto, uma sentença como (2) contrasta em todos os

---

<sup>6</sup> Uso passivas analíticas e não passivas sintéticas (passivas marcadas com *se*) para comparação visto que as últimas são extremamente raras na linguagem espontâneo do PB atual. Ademais, passivas sintéticas em nada diferem de sentenças impessoais nos testes de

---

testes de agentividade com passivas. Como os exemplos abaixo mostram, (2) não licencia agentes da passiva (7a), cláusulas de propósito (8a), nem advérbios orientados para agente (9a). As sentenças em (b) são passivas analíticas, nas quais todos esses elementos são licenciados.

- (6) a.\* A roupa lavou pelo João.  
b. A roupa foi lavada pelo João.
- (7) a. \*A roupa lavou para organizar a casa.  
b. A roupa foi lavada para organizar a casa.
- (8) a. \*A roupa lavou deliberadamente.  
b. A roupa foi lavada deliberadamente.

Como a hipótese que persigo é de que a possibilidade do membro intransitivo da AA está ligada à perda de morfologia de voz no PB, é válido examinar como sentenças impessoais marcadas com *se* respondem aos mesmos testes. Excetuando-se a impossibilidade de agentes da passiva, sentenças impessoais marcadas têm comportamento igual aos das passivas analíticas examinadas acima. Assim, uma hipótese de que as sentenças em estudo são sentenças impessoais sem morfologia aberta não se sustenta (contra NEGRÃO; VIOTTI, 2008).

- (9) \*Se come muito bem pelo João.
- (10) Se come muito bem para agradar a mãe.
- (11) Se come bem deliberadamente naquele lugar.

Na tabela 1, resumo os resultados dos testes, mostrando que o membro intransitivo da AA não tem um agente disponível. Nesse quesito, o membro intransitivo da AA se comporta como sentenças anticausativas.

---

agentividade. Uma breve discussão sobre a representação do agente em sentenças impessoais se encontra ainda nesta seção.

Testes	Passivas	Se-impessoais	Membro intransitivo da AA
Agentes da passiva	X	-	-
Cláusulas de propósito	X	X	-
Advérbios orientados para agente	X	X	-

Tabela 1: diagnósticos para a presença de um agente implícito

## 2 UMA COMPARAÇÃO ENTRE ANTICAUSATIVAS E O MEMBRO INTRANSITIVO DA AA

### 2.1 O teste de alçamento de possuidor

Além de não terem um agente implícito disponível, anticausativas e o membro intransitivo da AA respondem da mesma forma a um diagnóstico de inacusatividade. Alçamento de possuidor em PB é um fenômeno restrito a predicados inacusativos. Assim, independentemente da análise de alçamento de possuidor que se queira adotar (CANÇADO, 2010; RODRIGUES, 2010; ANDRADE; GALVES, 2014, a.o.), todos os autores concordam que possuidores só podem ser alçados em estruturas inacusativas. Como o possuidor movido preenche o especificador de TP, esse movimento nunca seria licenciado se outro constituinte tivesse recebido caso nominativo. Assim, a agramaticalidade de (13) e (14) é esperada, já que *trabalhar* e *encontrar* são verbos transitivos e seus argumentos externos nas sentenças abaixo, *o funcionário* e *a menina*, respectivamente, são candidatos a ocupar a posição de especificadores de T.

(12) \* [Essa escola]<sub>i</sub> trabalha [o funcionário t<sub>i</sub>] [todos os dias].

(13) \* [Esse rapaz]<sub>i</sub> encontrou [a menina] [o carro t<sub>i</sub>].

(ANDRADE; GALVES, 2014, s.p.)

Se o membro intransitivo da AA é inacusativo, espera-se que o alçamento de possuidor seja licenciado nessas sentenças. (14) ilustra que isso é possível. Essa sentença foi postada em uma página da rede social *facebook* de um jornal pelo seu próprio administrador como um comentário a uma reportagem cuja manchete era 'Cachorro aprende a andar de novo depois de um ataque de um

---

jacaré'. Nesse contexto, (14) é claramente uma sentença inacusativa, já que o cachorro não amputou a própria pata.

(14) Vitório<sub>i</sub> amputou [a pata t<sub>i</sub>].

(15) é uma versão da mesma sentença sem o alçamento de possuidor, assim as similaridades entre (2), (4) e (15) são facilmente notadas. Em (15), assim como em (2) e (4), o verbo é agentivo: um verbo que só pode ter um agente como argumento externo em sentenças transitivas.

(15) A pata do Vitório amputou.

Até o momento, eu demonstrei que: (i) o membro intransitivo da AA não tem um argumento agentivo implícito e (ii) que tem uma estrutura inacusativa. Na seção seguinte, eu comparo a estrutura do membro intransitivo da AA com a de sentenças anticausativas, cuja estrutura é bem conhecida nas línguas do mundo. Mais especificamente, sabe-se que anticausativas são formadas com raízes de resultado (*result roots*) e são bieventivas. Nas seções 2.2 e 2.3, eu investigo se o membro intransitivo da AA é construído com esses mesmos ingredientes. Daqui em diante, o membro intransitivo da AA será referido como membro inacusativo.

## 2.2 O tipo de raiz envolvida: raízes de modo ou de resultado?

Tanto em quadros lexicalistas quanto construtivistas de estrutura argumental, uma tipologia básica de raízes verbais, composta de raízes de modo e de raízes de resultado (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, entre outros), tem sido defendida. Em uma definição informal, raízes de modo lexicalizam o processo da ação e não o seu resultado, enquanto raízes de resultado lexicalizam o resultado, mas não o processo. Assim, um dos aspectos em que essas duas classes diferem é a negação do resultado de uma ação expressa pelo verbo. Uma contradição aparece se um verbo com raiz de resultado é negado.

(16) #John just broke the vase, but it is not broken.  
John agora.mesmo quebrou o vaso, mas ele está NEG quebrado

---

“John acabou de quebrar o vaso, mas ele não está quebrado.”

Com verbos formados a partir de raízes de modo, por outro lado, a negação do resultado não faz surgir uma contradição.

- (17) Tracy just swept the floor, but nothing is different about it.  
Tracy agora.mesmo varreu o chão, mas nada está diferente sobre ele

(RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 101)

O mesmo contraste pode ser reproduzido com dados do PB. Observe que a negação do resultado não faz surgir uma contradição com verbos como *lavar* e *pintar* nas sentenças abaixo. Esses são verbos de modo licenciados na AA.

- (18) A roupa lavou/pintou, mas não ficou lavada/pintada, vamos ter que lavar/pintar de novo.

O comportamento desses verbos contrasta com o de verbos como *quebrar*, que é licenciado na alternância causativa e não pode ter seu resultado negado.

- (19) #A janela quebrou, mas não ficou quebrada.

Essa diferença entre dois tipos de raízes também pode ser vista em construções participiais. Raízes de modo não podem formar adjetivos resultativos, enquanto raízes de resultado podem. Embick (2004) nota que há três tipos de participios em inglês: eventivo, estativo e adjetival. Participios estativos e adjetivais estão relacionados ao traço  $\sqrt{fient}$ , que, para o autor, é uma espécie de operador *become*.

As raízes dos verbos que participam da alternância causativa são licenciadas como adjetivos resultativos em sentença com verbos de criação. Assim, os adjetivos sublinhados nos dados abaixo descrevem o estado em que os objetos estavam quando foram criados.

- (20) O João fabricou a cadeira torta.  
(21) Os pedreiros já construíram o portão quebrado.  
(22) A porta foi modelada aberta.

- (23) A saia foi costurada fechada.  
 (24) João preparou o chá quente.

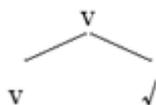
Considere agora as sentenças de (25) a (30), nas quais as raízes dos verbos licenciados na AA são empregadas em sentenças resultativas. Contrastando com os dados acima, os adjetivos abaixo não descrevem o estado dos objetos quando eles foram criados. Em outras palavras, eles não podem ser adjetivos resultativos.

- (25) \*Joana trançou o cabelo arrumado.  
 (26) \*Joana fabricou o copo lavado.  
 (27) \*Os pedreiros modelaram a argila cortada.  
 (28) \*A Maria costurou a roupa passada.  
 (29) \*A Maria preparou a comida frita.  
 (30) \*Eles criaram a perna amputada.

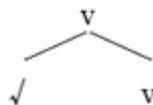
Uma possível interpretação para algumas dessas sentenças é que as entidades já estavam no estado descrito pelo adjetivo antes de a ação descrita pelo verbo acontecer. A sentença (25), por exemplo, é bem formada se o cabelo da Joana já estava 'organizado' quando ela começou a fazer a tranca. Observe, contudo, que essa não é a interpretação que discutimos aqui, já que não é compatível com um significado resultativo.

Essa diferença entre raízes de modo e raízes de resultado é explicada se raízes de modo sofrem merge como modificadores de v (assim como advérbios de modo), enquanto raízes de resultado sofrem merge como complementos de v, assim elas podem lexicalizar o resultado de uma ação. As estruturas em (31) e (32), adaptadas de Embick (2004, p. 376) representam os dois tipos de raízes.

(31) Result roots



(32) Manner root



Como as raízes dos verbos que participam da AA e da alternância causativa são diferentes, já há uma primeira distinção entre a estrutura interna dessas duas classes. Os verbos que entram na AA sofrem merge como modificadores de v, especificando o processo da ação, enquanto os verbos que

---

entram na alternância causativa sofrem merge na parte da estrutura sintática relacionada com o resultado da ação, especificando, assim, o resultado da ação descrita pelo verbo.

### 2.3 Monoeventivos ou bieventivos?

Mais um teste elucidada a diferença entre anticausativas e o membro inacusativo da AA. Verbos anticausativos exibem duas leituras do evento em presença do advérbio *de novo*, quais sejam, uma leitura repetitiva e uma leitura restitutiva. A presença da leitura restitutiva com tal advérbio acusa a presença de uma camada resultativa no evento (cf. VON STECHOW, 1996), já que essa leitura está associada com o resultado da ação. Nesse quesito, anticausativas contrastam com o membro inacusativo da AA, já que somente uma leitura repetitiva aparece com os verbos desse último grupo. (33) e (34) ilustram essa propriedade dos verbos licenciados na AA.

(33) **Contraparte transitiva:** João vendeu a casa de novo. Todas as outras vezes outra pessoa tinha vendido a casa. É a primeira vez que o João conseguiu vender a casa.

a. João vendeu a casa de novo. – *repetitiva/\*restitutiva*

(34) **Contraparte intransitiva:** João colocou a casa para vender de novo. Todas as outras vezes, outra pessoa tinha vendido a casa. É a primeira vez que o João conseguiu vender a casa. Como resultado da ação de João, ....

a. A casa vendeu de novo. ' – *repetitiva/\*restitutiva*

A indisponibilidade de uma leitura restitutiva com *vender* se deve ao fato de que a próxima venda de uma casa não vai restituir uma venda prévia. Todas as novas vendas são interpretadas como ações repetitivas crucialmente porque a estrutura em que *vender* é licenciado não tem uma parte resultativa.

A propriedade desse verbo pode ser contrastada com a disponibilidade de ambas as leituras – repetitiva e restitutiva – com o verbo *abrir*, um verbo licenciado na alternância causativa. Nas ações descritas abaixo, a ambiguidade

entre a restituição de um estado prévio no qual a porta estava aberta e a repetição da ação de abrir a porta se dá pela possibilidade de duas camadas em sentenças anticausativas. Se o advérbio se concatena à camada superior, a leitura repetitiva aparece; se se concatena à camada inferior, a leitura restitutiva aparece.

(35) **Contraparte transitiva:** João abriu a porta de novo. Todas as outras vezes outra pessoa tinha aberto a porta. É a primeira vez que João conseguiu abrir a porta.

a. João abriu a porta de novo. ✓ repetitiva/restitutiva

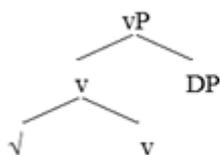
(36) **Contraparte intransitiva:** João abriu a porta de novo. Todas as outras vezes outra pessoa tinha aberto a porta. É a primeira vez que João conseguiu abrir a porta. Como resultado da ação de João, ...

a. A porta abriu de novo. – ✓ repetitiva/restitutiva

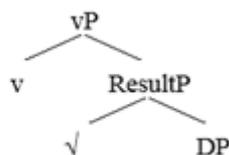
## 2.4 A estrutura de anticausativas e do membro intransitivo da AA

Em suma, os testes oferecidos nesta seção mostram que o membro inacusativo da AA e sentenças anticausativas são ambas inacusativas, mas têm estruturas diferentes. (37) corresponde à estrutura do membro inacusativo da AA e (38), a anticausativas.

(37)



(38)



Na seção seguinte, finalmente comparo o membro inacusativo da AA com médias não-marcadas, dado o fato de que este tipo de evento também foi afetado pela perda de morfologia.

### 3 MÉDIAS E O MEMBRO INACUSATIVO DA AA

Há mais uma eventualidade com a qual precisamos comparar o membro inacusativo da AA. Como dito acima, a estrutura de médias também mudou em PB. Sentenças médias são sentenças genéricas que descrevem propriedades do objeto do verbo, como (39) e (40) abaixo ilustram. As línguas diferem na representação do agente em sentenças desse tipo. A perda do clítico *se* nesse tipo de eventualidade também levou a mudanças em sua estrutura.

De acordo com Ackema e Scholemmer (2006), há pelo menos dois tipos de médias nas línguas do mundo. O tipo I representa as propriedades de médias não-marcadas – médias sem morfologia – em línguas do mundo, e o tipo II representa algumas propriedades das médias marcadas.

Médias do tipo I	Médias do tipo II
Inglês: <i>This book reads easily</i>	Francês: <i>Ce livre se lit facilement.</i>
Somente verbos agentivos	Verbos experienciais e estativos também
Não aceitam expressões orientadas para o sujeito	Aceitam expressões orientadas para o sujeito

Tabela 2: propriedades de dois tipos de médias

Os exemplos em (39) e (40) demonstram que a perda de *se* em PB fez as médias dessa língua parecerem mais com médias do tipo I. Nem verbos estativos (cf. 39) nem expressões orientadas para o sujeito são licenciadas em médias não-marcadas (cf. 40).

(39) Matemática \*(se) sabe bem (quando se estuda muito).

(40) Receita de bolo\*(se) prepara com atenção. (Pacheco, 2008:48)

Contudo, apesar de médias em PB e inglês estarem na mesma categoria de acordo com a classificação de Ackema e Schorlemmer (2006), elas não têm a mesma estrutura. De modo mais específico, o agente em médias do inglês pode ser recuperado, mas não em médias do PB.

Alguns exemplos ilustram essa diferença. Médias do inglês licenciam adjuntos gerundivos, como *se vê* em (41), e elementos anafóricos, como *se vê* em (43). O licenciamento desses elementos pode apontar para a presença de um *pro* ou *PRO* na estrutura (cf. debate sobre a representação do agente em médias

---

em STROIK, 1995, ZRIBI-HERTZ, 1993, entre outros). Interessantemente, adjuntos gerundivos e elementos anafóricos não são licenciados em médias do PB, como as traduções de (41) e (43) deixam entrever.

(41) Most physics books read poorly even after reading them several times.  
(STROIK, 1995, p. 168)

(42) ??A maioria dos livros de física não lê fácil mesmo depois de ler eles várias vezes.<sup>7</sup>

(43) Books about oneself never read poorly. (STROIK, 1995, p. 166)

(44) \*Livros sobre si mesmo nunca leem rápido.

Além dessas diferenças, há um tipo conclusivo de evidência apontando para o fato de que médias não-marcadas em PB são inacusativas. Como o membro inacusativo da AA, o alçamento de possuidor é licenciado nessas estruturas.

(45) [Esse tipo de sala]<sub>i</sub> encera [o chão <sub>ti</sub>] fácil.

(46) [Cachorro]<sub>i</sub> opera [a pata <sub>ti</sub>] fácil.

Assim, se médias não-marcadas do PB licenciam alçamento do possuidor e verbos agentivos, a única diferença entre médias e o membro inacusativo da AA é aspectual. Em outras palavras, (45) e (46) são médias se são sentenças genéricas e se o membro inacusativo da AA é eventivo.

Como o agente não está presente em médias do PB, a única informação presente em médias desse tipo nessa língua é a de que esses eventos são verdadeiros em virtude de uma propriedade atribuída ao tema (o sujeito gramatical) (cf. LEKAKOU, 2005). (47) e (48), então, representam agentes em médias do inglês e do PB, respectivamente:

---

<sup>7</sup> *Poorly* foi substituído por *não fácil* em (42) uma vez que *pobremente* não é um advérbio licenciado em médias não-marcadas em PB. Essa é uma outra diferença entre médias não-marcadas em PB e em inglês. As médias desta língua licenciam uma gama maior de advérbios, enquanto as médias não-marcadas em PB licenciam somente advérbios de modo, os quais modificam uma parte mais baixa da estrutura. Por razões de espaço, não vou poder detalhar essa diferença neste texto.

- (47) GEN [<sub>VoiceP</sub>Voice[<sub>VP</sub> V DP]] = English middles  
 (48) GEN [<sub>VP</sub> V+ DP]] = BP middles

## CONCLUSÃO: PERDA DE VOICE COMO A CAUSA DA ALTERNÂNCIA AGENTIVA EM PB

Um fato largamente notado sobre sistemas sincréticos é o de que eles empregam a mesma morfologia para uma gama variada de construções. Para capturar as semelhanças nos eventos que partilham essa marca morfológica, pode-se argumentar que todos esses eventos partilham um tipo de morfologia.

Vou assumir que essas eventualidades partilham um grande caminho derivacional e as diferenças aparecem em virtude do tipo de raiz (segundo literatura prévia, mostrei que raízes de modo e de resultado são licenciadas em estruturas diferentes no PB) ou outros operadores (ver Cinque (1988) sobre o papel de tempo especificado em sentenças impessoais/indefinidas).

Sendo esse o caso, quando o sincretismo era totalmente operante em PB, a estrutura utilizada para médias nessa língua estava disponível para outras eventualidades também. (49) e (50) mostram que o VP *vender casas* pode ter diferentes interpretações em virtude da presença de outros elementos na derivação. Em (49), a interpretação média surge em virtude da presença de um operador genérico e um advérbio de modo. A leitura indefinida em (50), por sua vez, surge do fato de T estar especificado para tempo (portanto, tal leitura surge na falta de um operador genérico, já que a sentença é episódica).

- (49) GEN [<sub>VoiceP</sub>Voice se [<sub>VP</sub> V DP]] = média  
 Vendem-se casas facilmente nesta região.
- (50) T[+passado] [<sub>VoiceP</sub>Voice se [<sub>VP</sub> V DP]] = leitura indefinida  
 Vendeu-se casas esta região.

Assim, com a (progressiva) perda de sincretismo, seria esperado que o PB desenvolvesse uma sintaxe inergativa/transitiva para médias, como tem sido defendido na literatura para médias do inglês, mas, até o momento, a sintaxe utilizada tem sido inacusativa. A questão, então, seria: com a possibilidade de

---

formar médias não-marcadas inacusativas em PB, é possível assumir que a mesma estrutura tenha significados diferentes, de uma forma similar ao que se vê em (49) e (50)?

Afirmo que isso é, de fato, possível e que o membro inacusativo da AA é um subproduto dessa possibilidade. Mais especificamente, quando um VP é composto de uma raiz de modo e um DP é inserido na sintaxe, há pelo menos três possibilidades em relação à derivação final desse elemento. Uma das possibilidades é a de que o DP sofrerá uma operação de merge no especificador de Voice, gerando, assim, uma sentença transitiva. As duas outras possibilidades têm a mesma estrutura sintática e derivam significados diferentes dependendo da presença de operadores, tal como esquematizado em (51).

(51)

- a) O VP pode gerar uma sentença média se um operador genérico está acima do VP.

*Esse carro lava fácil.*

- b) O VP gera o membro inacusativo da AA se um operador genérico não é adicionado.

*O carro lavou.*

Assim, a perda do expoente de Voice em PB é um caso em que a sintaxe continuou a empregar a mesma estrutura para eventualidades mesmo com a perda de morfologia. Com a perda de *se*, médias nessa língua não são nada mais do que sentenças inacusativas genéricas. Se um operador genérico não é inserido na derivação, a interpretação compatível com o membro inacusativo da AA é gerado.

## REFERÊNCIAS

ACKEMA, Peter & Maaike Schoorlemmer. Middles. *The Blackwell Companion to Syntax*. Edição: M.Everaert & H. van Riemsdijk. Oxford: Basil Blackwell, 2007, p. 131-203.

ALEXIADOU, Artemis et.al. *External arguments in transitivity alternations: A layering approach*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

ALEXIADOU, Artemis & Gianina Iordăchioaia.. The psych causative alternation. *Lingua*. n. 148, p. 53-79. 2014

- 
- ANDRADE, Aroldo & Charlotte Galves. A Unified Analysis for Subject Topics in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, n.13.1, p. 117-147, 2014.
- CANÇADO, Márcia. Comparando Alternâncias Verbais no PB: cortar o cabelo e quebrar o braço. *Letras*, n. 81, p. 33-60, 2010.
- CINQUE, Guglielmo. On si constructions and the theory of arb. *Linguistic inquiry*. 19. p. 521-581, 1988.
- CYRINO, Sônia. Argument promotion and SE-constructions in Brazilian Portuguese. *Argument structure in flux: the Naples-Capri Papers*. Edição: E. van Gelderen; M. Cennamo; J. Barddal. Amsterdam: John Benjamins, p.285-306, 2013.
- EMBICK, David. On the structure of resultative participles in English. *Linguistic Inquiry*. n.35, p.355-392, 2004.
- GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas:Editora da UNICAMP, 2001.
- LEVIN, Beth, & Malka Rappaport Hovav. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LEKAKOU, Marika. *In the middle, somewhat elevated: The semantics of middles and its crosslinguistic realizations*. 2005. 251f. Tese (Doutorado em Linguística) Departamento de Linguística, University of London.
- NEGRÃO, Esmeralda. & Evani Viotti. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. Edição: M. Petter & J. L.Fiorin, São Paulo:Contexto. p.179-203, 2008.
- PACHECO, Juliana. As construções médias do português do Brasil sob a perspectiva teórica da morfologia distribuída. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo.
- RAPPAPORT HOVAV, Malka & Beth Levin. Building verb meanings. *The projection of arguments: Lexical and compositional factors*, ed. M. Butt and W. Geuder, Stanford:CSLI Publications. p. 97-134, 1998.
- RODRIGUES, Cilene. Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo. 1998. 178f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de Brasília.
- RODRIGUES, Cilene. Possessor raising through thematic positions. *Control as Movement*. Edição: N. Hornstein and M. Polinsky Amsterdam: John Benjamins. p.119 – 146, 2010.
- REINHART, Tanya. The theta system—an overview. *Theoretical linguistics*. n. 28, p.229-290, 2003.

---

STROIK, Thomas. On middle formation: A reply to Zribi-Hertz. *Linguistic Inquiry*. n. 26, p.165-171, 1995.

ZRIBI-HERTZ, Anne. On Stroik's analysis of English middle constructions. *Linguistic Inquiry*. n. 24, p. 583-589, 1993.

WHITAKER-FRANCHI, Regina. *As construções ergativas. Um estudo semântico e sintático*. 1989. 199f Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.